

## **Entre os fragmentos de palavras, os estilhaços de imagens.**

*Julio Cesar Roitberg*

A compreensão de que as palavras o vento as leva me faz aceitar que só vale o que é registrado. Isto exige considerar o valor das narrativas, muito além das palavras. Gestuais, fotográficas, escritas: tantas outras vozes que se chegam deturpadas, ou não. "Se um retrato é um espelho aberto, é possível lê-lo de alguma maneira coerente?" pergunta Manguel<sup>1</sup>. Apesar da "incoerência", através das imagens, autorizo-me. Através do texto, transformamo-nos. Devolvemo-nos às pessoas com quem nos constituímos sociáveis. Através da compreensão do simbolismo das ações coletivas, ousamos alguns passos rumo à transformação de uma realidade que se percebe opressiva. Dos movimentos reivindicatórios, nos anos 80 aos de hoje, quanta diferença! De panfletos e cartazes, ao compartilhamento de fotos com legendas! Se antes usávamos os megafones, hoje, à velocidade dos *bytes*, as informações transpassam as "nuvens". Interconectam, instantaneamente, a um toque, usuários distantes. Entretanto, há algo inquietante nestes tempos de cibercultura, de mídias e de mobilidade, além das



questões sobre formação de identidades, consciência de classe. As subjetividades passeiam entre o que se determina em grupo às hesitações individuais. Torcemos, distorcemos, retorcemos, aplicamos filtros às retinas adaptando as realidades ao que nos faz

sentido. O [comentário](#) em uma foto compartilhada no Facebook (31/3/12), de [Byron Prujansky](#), ilustra como as imagens online transpassam e recortam, recontando as nossas narrativas. A manifestação contra o evento lembrando o aniversário do golpe de março de 1964, na Cinelândia (RJ), terminou em violência, em frente ao Clube dos Militares, contra cerca de 300 estudantes e ativistas que protestavam contra a presença de militares na palestra [1964 - A Verdade](#). O Batalhão de Choque da Polícia Militar presenteou os manifestantes com bombas de gás lacrimogêneo e *spray* de pimenta. Narrativas são prenes de ideologias. Nelas, explodem, entre os fragmentos de palavras, os estilhaços de imagens. Com grande dramaticidade, juntam-se os gestos, os olhares, os movimentos. Como rejeito a defesa de qualquer argumento pró ["anos de chumbo"](#), também não vejo qualquer possibilidade em registrar este ou semelhante momento com isenção: as fotos "*cantam*"<sup>ii</sup>. Nossas vozes, porque apaixonadas, desnudam as nossas almas. Comprometidas com a emancipação, nelas reside a esperança de uma sociedade justa, a despeito de nossos olhos míopes ou imagens deturpadas

### **Sobre o autor:**

**Professor da SEEDUC-RJ; mestre em Educação (UFRRJ);  
membro do GPIidentiDoc e do GRPESQ (UFRRJ-IM)**

---

<sup>i</sup> MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; p. 205

<sup>ii</sup> CAPUTO, S. G. *A canção da foto*.

In: [lab-eduimagem.pro.br/jornais/ed\\_img/atual/pdfs/uma\\_imagem.pdf](http://lab-eduimagem.pro.br/jornais/ed_img/atual/pdfs/uma_imagem.pdf)